

## Completivas com duplo-*que* no português arcaico

Ilza Ribeiro

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RIBEIRO, I. Completivas com duplo-*que* no português arcaico. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 75-92. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



# Completivas com duplo-*que* no português arcaico

Ilza RIBEIRO  
Universidade Federal da Bahia/CNPq  
PROHPOR

## 1 Mattos e Silva (1989)

Em *Estruturas trecentistas*, Mattos e Silva (1989, p. 747-749) apresenta exemplos de subordinadas completivas, da sua edição do documento trecentista *Os Diálogos de São Gregório*, em que o complementador **que** é duplamente realizado, como no exemplo a seguir:

(1) mandou-lhi dizer **que** [ *el* ] **que** o ia ver.

A autora também chama a atenção para o fato de que, entre as duas ocorrências do constituinte **que**, podem ocorrer sintagmas nominais simples, como em (1) acima, ou sintagmas nominais complexos, como em (2):

(2) Cuidas, padre Gregorio, **que** [*aqueste homen tan santo Libertino, de que tantas maravilhas e vertudes contasti,*] **que** leixou alguen antre tantos monges que o seguisse en fazer vertudes e maravilhas assi como el fazia?

Além disto, mostra a possibilidade de mais de um constituinte aparecer intercalado entre os dois **que**:

(3) Dixi eu primeiro, Pedro, **que** [*este santo homen* ] [*quando se partiu dos monges de que avia cura e en cujos feitos cuidava e veo-se pera o ermo morar na cela en que primeiramente fora*] **que** vëera a morar consigo...

O objetivo deste texto é o de apresentar uma análise estrutural deste tipo de construção, com base em dados de *Os Diálogos de São Gregório* e de outros documentos do português arcaico (PA),<sup>1</sup> seguindo a cartografia do domínio-C (RIZZI, 1997; BENINCÀ; POLETTI, 2004; BENINCÀ, 2004), delimitada a partir de fenômenos da periferia à esquerda de diferentes línguas. O texto está organizado como segue. Para deixar clara a proposta de análise aqui feita, é necessário retomar as características das propriedades de uma língua V2, bem como os desenvolvimentos teóricos nos modelos da gramática gerativa sobre os tipos de projeções da periferia à esquerda da sentença, o que é feito na seção 2. Procuo mostrar que o português historicamente apresenta evidências para a divisão do CP em Força e Finitude, com constituintes topicalizados ou focalizados ocorrendo em construções V2, V>2 e em completivas de duplo-**que**<sup>2</sup> (RIBEIRO, 1995a/b, 2009; RIBEIRO; TORRES MORAIS, 2009). A seção 3 trata de três possibilidades de construções completivas no PA: (i) a completiva com duplo-**que**; (ii) a completiva V2/V>2 com próclise; (iii) a completiva aparentemente V1 com ênclise. Argumento que todas são epifenômenos de uma sintaxe que requer a realização fonológica do núcleo Fin. Na seção 4, mostro que o redobro do **que** também ocorre tanto em outras línguas românicas medievais (WANNER, 1998), como também em variedades românicas contemporâneas, como em dialetos italianos (PAOLI, 2004), em espanhol (DEMONTE; SORIANO, 2007), em galego (URIAGEREKA, 1995) e no português europeu (MASCARENHAS, 2007) e brasileiro (RIBEIRO, 2009; RIBEIRO; TORRES MORAIS, 2009) contemporâneos. O objetivo final é mostrar a relação entre a construção V2 e a de duplo-**que**, apontando para uma competição entre as duas estratégias, o que parece ter condicionado a perda da propriedade V2 no português.

## 2 Historiando a projeção CP e a propriedade V2

Descritivamente falando, o rótulo *língua V2* identifica as línguas que realizam as construções declarativas raízes com a ordem X V (S), em que a forma verbal flexionada (verbo pleno ou o auxiliar) está em segunda posição e é antecedida por um constituinte sintagmático qualquer. Nas sentenças subordinadas, o verbo flexionado pode ser final, como no alemão, ou medial, como no islandês. Essa assimetria raiz/subordinada, em relação ao posicionamento do verbo, é um dos aspectos da sintaxe V2 que têm sido mais explorados nas tentativas de explicação desse fenômeno.

1 A análise apresentada se baseia em um conjunto de dados coletados nos seguintes corpora:

(i) FERREIRA, J. de A. (1987). *Afonso X. Foro Real*. Lisboa: INIC. 2v. (FR)

(ii) MACCHI, G. (1966). *Crônica de D. Pedro*, de Fernão Lopes. Roma: Ateneo. (CDP)

(iii) MACHADO FILHO, A. V. L. (2003). *Um Flos sanctorum do século XIV: edições, glossário e estudo lingüístico*.

Tese de Doutorado. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. (FLOS)

(iv) MATTOS E SILVA, R. V. (1971). *A mais antiga versão portuguesa dos “Quatro livros dos diálogos de São Gregório”: edição crítica com introdução e índice geral das palavras lexicais*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. (DSG)

(v) PEREIRA, S. B. (1964). *Vocabulário da carta de Pero Vaz de Caminha*. Rio: INL-MEC. (Caminha)

2 Deixo de abordar aqui os casos de interpolação nas completivas. Cf. RIBEIRO, 2010.

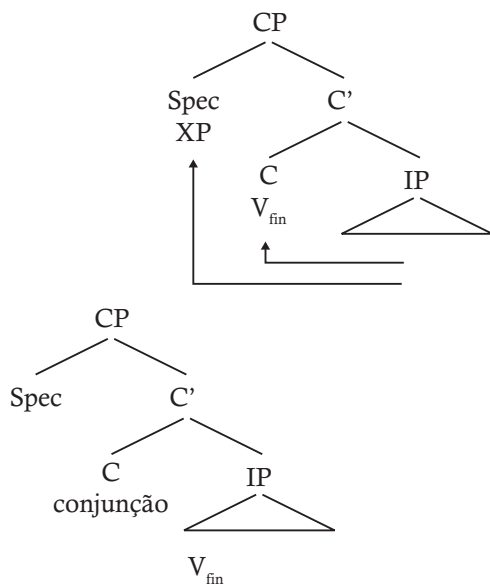
Na tradição das pesquisas que assumem uma única posição CP para hospedar o verbo flexionado na sentença raiz ou o complementador (do tipo *that, que*) na sentença subordinada, a solução para o problema descritivo do verbo em segunda posição nas sentenças raízes e da assimetria raiz/subordinada é a de que o verbo das sentenças raízes prototípicas ocupa a mesma posição do complementador das sentenças subordinadas. Os exemplos abaixo, do alemão, ilustram bem esta distribuição (exemplos de ROBERTS, 1992, p.5-6):

- (4) a. Ich **las** schon letztes Jahr diesen Roman (S V O)  
 Eu li já no último ano este livro
- b. Diesen Roman **las** ich schon letztes Jahr (O V S)  
 Este livro li eu já no último ano
- c. Diesen Roman **habe**ich schon letztes Jahr **gelesen** (O Aux S ... V)  
 Este livro tinha eu já no último ano lido
- (5) Du weisst wohl,  
 Você sabe bem,
- a. daß ich schon letztes Jahr diesen Roman **las** (que S ... V)  
 que eu já no último ano este livro li
- b. daß ich schon letztes Jahr diesen Roman **gelesen habe** (que S ... V Aux)  
 que eu já no último ano este livro lido tinha

Nos exemplos em (4), o sujeito (4a) ou o objeto (4b/c) precedem o verbo flexionado, pleno ou auxiliar; assim, são estruturas V2, apresentando uma ordenação de constituintes do tipo X V (S). O exemplo em (4c) ilustra ainda o fato de que é a forma verbal flexionada que aparece em segunda posição (neste caso, o auxiliar verbal), enquanto que o particípio aparece em posição final. Por outro lado, nas sentenças subordinadas em (5), todos os verbos aparecem em posição final, ficando o verbo/auxiliar flexionado em última posição.

Desse modo, os efeitos V2 do alemão têm sido derivados em termos de duas regras de movimento: uma regra desloca o verbo/auxiliar para o núcleo C e outra desloca um constituinte sintagmático qualquer para o especificador da projeção que hospeda o constituinte verbal, o especificador de CP. Em geral, a assimetria raiz/subordinada, ilustrada com os dados em (4) e em (5), tem motivado análises que propõem que o constituinte verbal nas sentenças raízes ocupa a mesma posição C que o complementador ocupa nas sentenças subordinadas, como representado em (6):

(6) a. oração matriz      b. oração subordinada



Como o constituinte verbal e o complementador disputam por uma mesma posição, espera-se que esses constituintes ocorram em distribuição complementar, ou seja, nas construções subordinadas, o complementador é foneticamente realizado; assim, o verbo/auxiliar não pode ser movido para essa posição, por ela já estar ocupada pelo complementador (por *daß* nos exemplos em (5)).

Em resumo, no quadro teórico pré-minimalista, desde den Besten (1983, 1986), seguindo Koster (1975), se tem assumido que o fenômeno V2 envolve o constituinte C, uma posição que nas sentenças subordinadas está sempre comprometida com os elementos introdutórios de encaixamento de sentenças. Esta era a análise corrente na literatura linguística sobre V2, para diferentes línguas, como pode ser observado nos estudos de Platzack (1986), Taraldsen (1986), Tomaselli (1990), Vikner (1991), Adams (1987, 1988), Roberts (1992) e Ribeiro (2005), dentre outros.

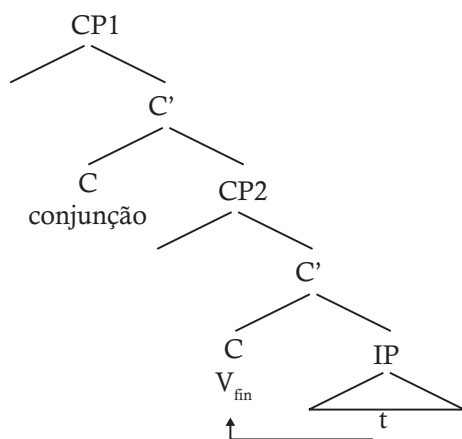
No nível explicativo, os gerativistas preocupados com o fenômeno V2 tentavam explicar por que o movimento do verbo para o núcleo C é obrigatório em certas línguas (as línguas V2), e não em outras (as línguas não V2). O centro de interesse dos estudos do fenômeno V2 é a razão pela qual o verbo tem de ser movido para essa posição. A maior parte das explicações propostas são análises com base em conjecturas sobre a natureza do núcleo C (traços categoriais, caso, traços morfológicos etc).

Contudo, as impossibilidades de construções V2 em sentenças subordinadas não são homogêneas, como os dados do alemão podem levar a supor, pois várias línguas permitem estruturas V2 nas sentenças completivas. Dois traços essenciais distinguem as línguas germânicas quanto às possibilidades de realização de V2 nas sentenças subordinadas; tais diferenças podem ser vistas de duas perspectivas: quanto à realização do complementador na posição C e quanto aos tipos de subordinadas que admitem V2. No alemão

e no holandês, por exemplo, V2 é essencialmente um fenômeno raiz; nas sentenças subordinadas, V2 só ocorre em completivas de verbos denominados verbos-ponte (como *dizer*, *acreditar*, *afirmar* etc; em geral, verbos declarativos e epistêmicos). Mesmo nesse caso, é observada a condição de a posição C não estar preenchida pelo complementador.

Por outro lado, em islandês (e iídiche), V2 parece ser generalizado a todos os tipos de sentenças e o complementador está sempre foneticamente realizado. Embora o dinamarquês (assim como o norueguês, o sueco e o feroico) se comporte de forma semelhante ao alemão, só aceitando construções V2 subordinadas em completivas de verbos-ponte, distingue-se do alemão por a posição C estar sempre preenchida pelo complementador *at*. Este é um problema que a teoria precisa resolver, pois uma única projeção de CP não dá conta do V2 nessas línguas. A partir dos fatos empíricos dessas línguas, derivou-se a proposta de recomplementação, ou seja, de uma estrutura com duplo CP:

(7) Duplo CP



Como se pode observar, a estrutura em (7) permite uma construção V2, mesmo que a conjunção introdutora da sentença subordinada esteja realizada.

Além disto, diversas pesquisas têm mostrado que V2 não é um fenômeno restrito às línguas germânicas e escandinavas. Tem-se constatado que algumas línguas românicas observavam a sintaxe V2 em sua fase arcaica, como o francês (cf. ADAMS, 1987, 1988; ROBERTS, 1992 e VANCE, 1988, 1989, entre outros) e o português arcaico (RIBEIRO, 1995a/b); ou que ainda a observam, como o reto-romano moderno (cf. ROBERTS, 1992). Outros estudos argumentam para uma sintaxe V2 em vários outros dialetos românicos medievais (cf., por exemplo, BENINCÀ, 1989, 2004; PAOLI, 2004; BENINCÀ; POLETTI, 2004; LEDGEWAY, 2008). As propostas de sintaxe V2 do romance medieval têm esbarrado em um fato empírico importante: o de que o efeito V2 não é categoricamente observado, já que podem ser realizadas construções V>2 (dois ou mais constituintes antecedem a forma verbal flexionada).<sup>3</sup>

3 Também ordens V1. Cf. Ribeiro (1995), quanto ao PA.

Quando se observa a gramática V2 do português arcaico, vê-se que as representações acima (em 6 e em 7) não são suficientes para dar conta de sua organização estrutural. Os dados abaixo ilustram a questão:

(8) Sentenças matrizes

- a) E [<sub>CP</sub> **esto lhis fazia**] [<sub>IP</sub> *ele* pera lho agalardoar Deus (DSG-XIV)  
 b) [<sub>CP</sub> **Muito fezesti**] [<sub>IP</sub> *pro* boa demanda, Pedro, porque ... (DSG- XIV)  
 c) [<sub>7P</sub> *A verdade daquesta profecia*] [<sub>CP</sub> **mais claramente a vemos**] ... [<sub>IP</sub>.....]  
 (DSG- XIV)  
 d) [<sub>7P</sub> *E quando chegaron ao rio,*] [<sub>CP</sub> **tan aginha o passaron**] .... [<sub>IP</sub>.....]  
 (DSG- XIV)  
 e) [<sub>7P</sub> *e estas dobras que el-rrei dom Pedro mandava lavrar,*] [<sub>CP</sub> **cinquenta d'ellas faziam**] [<sub>IP</sub> ... huu marco ...] (CDP- XV)

(9) Sentenças subordinadas

- a) osmo [<sub>CP</sub> que [<sub>CP</sub> **ante<sub>i</sub> se acabaria**] [<sub>IP</sub> *o dia*] [<sub>t<sub>i</sub></sub> que] eu leixasse de contar o que... ]]] (DSG-XIV)  
 b) ...dizer [<sub>CP</sub> que [<sub>CP</sub> **mais<sub>i</sub> teendes**] [<sub>IP</sub> *pro* juntas [<sub>t<sub>i</sub></sub> de vinte mil dobras]]] (CDP-XV)  
 c) ca temia o santo bispo [<sub>CP</sub> que, [<sub>7P</sub> se os homens soubessen aquilo que acaecera,] [<sub>CP</sub> **tanta vã gloria lhi creceria**] [<sub>IP</sub> *t<sub>tanta</sub>...* en seu coraçõ]] (DSG-XIV)

As construções em (8a-b) podem receber uma análise em termos da representação básica de sentença matriz em (6a); contudo, essa análise não é adequada para os dados em (8c-e), de construções V>2. Propor que os constituintes em itálico estão em adjunção a CP não consegue explicar por que a ordem é sempre Tópico (em itálico) + Foco (em negrito) e nunca Foco + Tópico; uma adjunção deveria permitir as duas possibilidades. A representação em (7), de duplo CP, foi pensada inicialmente para sentenças subordinadas; mesmo adotando a representação de duplo CP para a matriz, continua a questão de estabelecer as diferentes propriedades semântico-discursivas de cada um dos CPs.

Em relação às sentenças subordinadas, pode-se pensar que a ordem V2 em (9a-b) instância a realização fonológica de **que** no núcleo C mais alto e do V flexionado no segundo núcleo C, como representado em (7). Contudo, o exemplo em (9c) mostra que a representação em (7) não é suficiente ou adequada para as subordinadas V>2, em que um tópico e um foco coocorrem, nesta ordem. O mesmo pode ser dito em relação aos exemplos de duplo-**que** apresentados em (1-3) e retomados a seguir:

(10) mandou-lhi dizer **que** [*el*] **que** o ia ver.

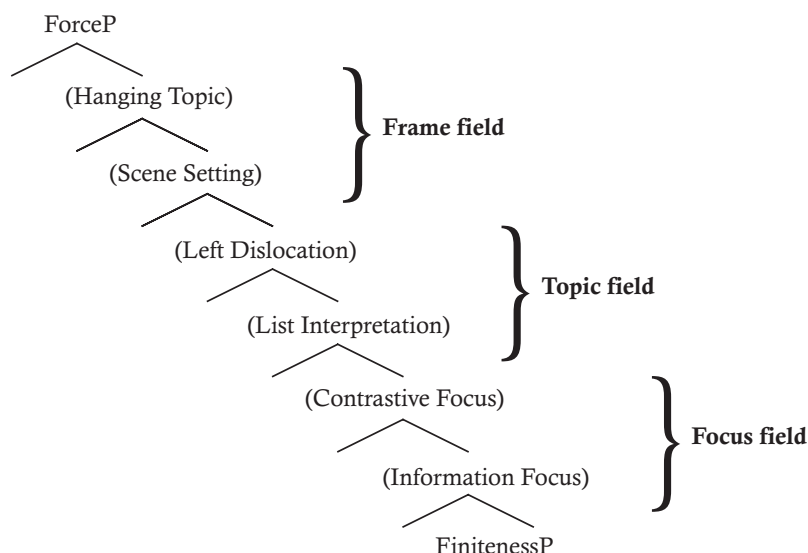
- (11) Cuidas, padre Gregorio, **que** [*aqueste homen tan santo Libertino, de que tantas maravilhas e vertudes contasti,*] **que** leixou alguen antre tantos monges que o seguisse en fazer vertudes e maravilhas assi como el fazia?
- (12) Dixi eu primeiro, Pedro, **que** [este santo homen ] [quando se partiu dos monges de que avia cura e en cujos feitos cuidava e veo-se pera o ermo morar na cela en que primeiramente fora] **que** vëëra a morar consigo ....

Para os exemplos em (10-11), a representação em (7) poderia ser adequada, indicando uma competição entre o movimento do verbo e a concatenação de um **que** no núcleo C mais encaixado; em (12), no entanto, há dois constituintes intercalados entre os dois **que**, ambos com leitura de tópico, mas só uma posição para hospedá-los. Mesmo pensando em adjunção dos dois tópicos (embora adjunção a CP não seja teoricamente bem vista), resta explicar por que só constituintes com valor de tópico, nunca com valor de foco, aparecem intercalados entre os dois **que**.

## 2.1 Desenvolvendo a periferia à esquerda

As questões sobre V2 e V>2 têm ganhado um novo espaço de discussão, bastante produtivo, a partir dos estudos do projeto *The cartography of syntactic structures* (cf. Referências). De um lado, ampliou-se o interesse em projeções funcionais e nas propriedades sintáticas e semânticas de seus núcleos; de outro, passou-se a reconhecer uma estrutura mais complexa para CP do que simplesmente demarcar os limites das sentenças. Na continuação da discussão da estrutura do CP dividido, proposta por Rizzi (1997), os estudos de Benincà (2004) e Benincà e Poletto (2004) têm argumentado empírica e teoricamente para um CP ampliado da seguinte forma:

- (13) Projeto cartográfico - CP expandido (BENINCÀ; POLETTI, 2004)





O CP ampliado está limitado na parte superior pela projeção ForçaP, que expressa se a sentença é declarativa, interrogativa, exclamativa, relativa, adverbial etc e realiza a interface entre uma proposição e o discurso (e a sentença raiz); na parte inferior, está limitado por FinitudeP (FinP), que realiza a interface com a parte interna da sentença, relacionada com tempo, modo, o tipo de complementador; contém uma especificação de tempo que concorda com o do domínio TP. Entre essas duas projeções, estão as de realização sintática de constituintes que têm valores pragmáticos. Tópico e Foco são domínios (um conjunto de projeções), sendo *Frame Field* e *Topic Field* os domínios mais altos, que hospedam não operadores, ou seja, hospedam elementos de ancoragem discursiva, (tópico pendente (HT), marcadores circunstanciais de cena (*scene setting*), deslocados à esquerda (LD) e tópicos com interpretação de lista (*list interpretation*). Foco é o domínio mais baixo, que expressa informação nova, não pressuposta, e hospeda elementos tipo operador (Foco contrastivo e Foco informacional e interrogativa-QU). A questão a ser respondida é: qual/quais dos núcleos funcionais em (13) está/estão envolvido(s) com a restrição V2, V>2 e com o fenômeno do duplo-**que**.

Considero ser relevante, para a análise de V2 e das completivas com duplo-**que**, a proposta de Roberts (2004) de que o fenômeno V2 resulta do requerimento de realização fonológica de Fin (Fin\* na representação de ROBERTS, 2004). Como tenho proposto (RIBEIRO, 1995a/b), o PA é um sistema V2; portanto, o movimento de V para Fin é operativo no PA, com movimento adicional de Fin para Foco, se FocoP é ativado; os campos *Frame* e *Topic* não são V-relacionados, o que implica dizer que não são atratores de movimento de verbo para seus núcleos funcionais (RIBEIRO 2009; RIBEIRO; TORRES MORAIS, 2009).

## 2.2 A periferia à esquerda no PA: sentenças raízes

É com base em dados como os apresentados em (14) que Ribeiro (1995a/b) identifica o PA como um sistema V2, no sentido técnico do termo, ou seja, como um sistema que aciona CP em sentenças raízes. Dentro do modelo de periferia esquematizado em (13), a propriedade V2 pode ser identificada com a ativação dos campos de FocoP ou de FinP, atraindo um constituinte para seu especificador e exigindo o movimento do verbo flexionado para seu núcleo.

- (14) a. E [<sub>FinP</sub> *esto* **lhis** fazia] ... [<sub>IP</sub> *ele* t<sub>lhis+fazia</sub> t<sub>esto</sub> *pera lho agalardoar Deus*  
(DSG-XIV)
- b. [<sub>FocoP</sub> **Muito** fezesti ] ... [<sub>IP</sub> *pro* t<sub>fezesti</sub> t<sub>muito</sub> *boa demanda, Pedro, porque ...*  
(DSG--XIV)
- c. [<sub>FinP</sub> **Ora** ponho] ... [<sub>IP</sub> *eu* t<sub>ponho</sub> *as mhas paravoa*s na ta boca t<sub>ora</sub> ]  
(DSG-XIV)
- d. [<sub>TopP</sub> *A verdade daquesta profecia* ] [<sub>FocoP</sub> **mais claramente a** veemos] ... [<sub>IP</sub>.....]  
(DSG-XIV)

- e. [<sub>FrameP</sub> *E quando chegaram ao rio,* ] [<sub>FocoP</sub> **tan aginha** o passarom ] .... [<sub>IP</sub>.....] (DSG-XIV)
- f. [<sub>FrameP</sub> *e estas dobras que el-rrei dom Pedro mandava lavar,*] [<sub>FocoP</sub> **cinquenta d' ellas** faziam ] .... [<sub>IP</sub> ... hũu marco ...] (CDP-XV)
- g. [<sub>TopP</sub> *Aqueste homem* ] [<sub>FocoP</sub> **muito alonjado** he ] ... [<sub>IP</sub> .....daquestes que nós ora veemos...] (DSG-XIV)
- h. [<sub>FocoP</sub> **En que** soon ] ..... [<sub>IP</sub> .... eu culpado? ] (DSG-XIV)
- i. [<sub>FocoP</sub> **Limpho** és ] .... [<sub>IP</sub> ..... desta razom ante Deus] (FLOS-XIV)
- j. [<sub>TopP</sub> *Este pan*] [<sub>FocoP</sub> **santo** he ] ... [<sub>IP</sub> .... ] (DSG-XIV)

A propriedade V2 do PA pode ser satisfeita em FocoP, quando há constituintes discursivamente enfatizados recebendo acento de foco contrastivo ou informacional, como nos exemplos em (14b/d-j); ou em FinP, quando o constituinte fronteado para a periferia à esquerda é um encadeador discursivo, em geral um demonstrativo anafórico (14a) ou um adverbial (14c). Os exemplos de (14d-g/j) mostram que FrameP e TopP podem ser ativados (ver constituintes em itálico), sem interferir com a propriedade V2, pois estes constituintes não são V-relacionados, quer dizer, seus núcleos não requerem verificação de traços pelo núcleo verbal; estas construções terminam por ser realizadas com ordem superficial V>2. Contudo, os núcleos que são relevantes para a propriedade V2 são os núcleos de FinP e de FocoP, ambos V-relacionados. Esta é a análise que mantenho neste texto (Cf. RIBEIRO, 2009; RIBEIRO; TORRES MORAIS, 2009; como também em RIBEIRO, 1995a/b, embora sem contar com uma estrutura elaborada da periferia à esquerda).

O esquema em (15) resume a proposta acima, em termos dos núcleos da periferia à esquerda que atraem ou não o verbo flexionado, denominados aqui de núcleos +/-V relacionados:

(15) ForceP	FrameP	TopicP	FocusP	FinP	IP
	-V	-V	+V	+V	....

Os núcleos de *Frame* e *Topic* não atraem o V; o V flexionado sempre se move para Fin, para satisfazer Fin\* (ROBERTS, 2004); o núcleo de Foco sempre atrai o V flexionado (V para Fin para Foco).

### 3 O duplo-*que* no português arcaico

O fenômeno do duplo-**que** se refere à possibilidade de sequência de complementadores, como nos exemplos abaixo, em que o elemento introdutor das sentenças completivas **que** se superficializa duas vezes. Vários tipos de constituintes podem estar intercalados entre os dois **que**:

- I – Sujeitos deslocados à esquerda (LD)

- (16) a. mandou-lhi dizer **que** [ el ] **que** o ia ver (DSG-XIV)  
 c. e o abade San Bento dizendo o contrairo **que** [Deus] **que** o fezera por el (DSG-XIV)  
 d. Cuidas, padre Gregorio, **que** [aqueste homen tan santo Libertino, de que tantas maravilhas e vertudes contasti,] **que** leixou alguen antre tantos monges que o seguisse en fazer vertudes e maravilhas assi como el fazia? (DSG-XIV)

## II – Objetos deslocados à esquerda (CLLD)

- (17) a. E pero non he pera creer – diz San Gregorio – **que** [ o bõõ logar a que o ja levaron ] **que** o perdesse (DSG-XIV)  
 b. e rrogamos-vos **que** [ essas joyas que ella leixou ] **que** as mandees dar ao dito Joham Fernandez (CDP-XV)

## III – Expressões adverbiais temporais

- (18) deffendemus firmemête **que** [daqui adeante ] **que** nenhũũ seya ousado de coller [...] (FR-XIII)

## IV – Sentenças adverbiais

- (19) a. rogo-te **que** [se te nembras d’alguus] **que** mh’os digas (DSG-XIV)  
 b. E disse a seu filho **que**, [pois el tan aginha gaanhava de Nosso Senhor as cousas que lhi demandava] **que**, des aqui en deante, desse aos pobres do seu quanto el quisesse dar. (DSG-XIV)  
 c. Ebem creo **que** [se vosa alteza aquy mandar quem mais antreles de vagar ande,] **que** todos serem tornados ao desejo de vosa alteza (Caminha-XV)  
 d. mandou ocapitam aos nauios pequenos que fosse mais chegados aatrra e **que** [ se achassem pouso seguro peraas naaos] **que** amaynasem (Caminha-XV)

Assim, as propriedades deste tipo de construção são as de apresentarem dois complementadores, de haver diferentes tipos de constituintes topicalizados intercalados entre as duas realizações de **que** e de serem encontradas em sentenças subordinadas, sobretudo em completivas, mas sem estar ausente das adverbiais. Alguns exemplos, apresentados abaixo, mostram completivas com duplo-**se**, além de adverbiais com duplo-**que**:

- (20) a. Queria, padre, que mi provassen mais abertamente **se** [a ordinhaçon que Deus feze dos feitos que se fazem no mundo, ou a sabença que ouve desses

- feitos ante que o mundo fosse feito,] **se** se pode ajudar per orações dos santos  
homens (DSG-XIV)
- b. de guysa **que** [o temporal e o spirital que uen todo de Deus] **que** se acordẽ  
todos en huu (FR-XIII)
- c. en guysa **que** [os maos que per sa maldade e por sa natura son dessauijdoos  
e denodados,] **que** pellas leyx seyã desarraygados (FR-XIII)
- d. E ali, per sas encantações, trabalharon **que** [o enmiigo que en ela entrara]  
**que** saisse dela (DSG-XIV)
- e. parece-me jemte de tal jnoçencia **que** [se os homẽ emtendese e eles anos.] **que**  
seriam logo xpaãos (Caminha-XV)

No exemplo em (20a), ocorre uma completiva do verbo *provar* introduzida por **se**; nos exemplos em (20b-d), as sentenças são adverbiais, aceitam reduplicação do **que**, apresentando como constituintes intercalados os DPs sujeitos; em (20e), exemplo de uma construção adverbial consecutiva, o constituinte intercalado é uma sentença adverbial.

### 3.1 A periferia à esquerda no PA: sentenças completivas

A proposta de Ribeiro (1995a/b) é mantida neste texto, no sentido de que construções V2 são possíveis nas sentenças completivas do PA, embora atualizadas com a periferia à esquerda delineada em (13) e (15). Observam-se dois padrões de posicionamento dos clíticos nas completivas, dependentes da realização das posições +/-V relacionadas. Considero que o clítico não é um clítico verbal no PA, como os casos de interpolação deixam evidente (cf. também MARTINS, 1994); em relação à posição do clítico, adoto aqui uma versão modificada da proposta de Ribeiro (1995a), no sentido de que o clítico ocupa a posição CIP na periferia do CP dividido (...FinP CIP TP), como já tem sido proposto por vários autores (cf., entre outros, FERNANDEZ-RUBIERA, 2009).

Na análise aqui proposta (também baseada amplamente em RIBEIRO, 1995a/b), o movimento do verbo para C (Fin/Foco) é independente do movimento do clítico, no sentido de que V não tem de passar por CIP no seu caminho para Fin/Foco, o que resulta em ênclise. Próclise tem origem do movimento independente do núcleo que hospeda o clítico para Fin/Foco, quando o especificador de Fin/Foco está lexicalmente preenchido. O núcleo Cl se move para o núcleo Fin para verificar algum traço relacionado com especificidade do constituinte realizado em seu especificador; o movimento para o núcleo de foco resulta de o clítico + o verbo já estarem amalgamados em Fin.

#### 3.1.1 Sentenças completivas V2 com próclise

Quando algum constituinte tematizado ou focalizado ocupa o especificador de FinP ou FocoP, respectivamente, a próclise é obrigatória. A estrutura para as completivas com próclise está esboçada em (21) e exemplos são apresentados em (22):

(21) ForceP	FrameP	TopicP	FocusP	FinP	CIP	IP
que	-V	-V	+V	+V	.... (próclise)	

- (22) a. ca temia o santo bispo [<sub>ForceP</sub> **que**, [<sub>TopP</sub> se os homens soubessen aquilo que acaecera,] [<sub>FocoP</sub> **tanta vãã gloria lhi creceria** ] [<sub>FinP</sub> t<sub>cl+v</sub> [<sub>CIP</sub> t<sub>cl</sub> [<sub>IP</sub> t<sub>Foco</sub> t<sub>v</sub> en seu coração]]]] (DSG-XIV)
- b. osmo [<sub>ForceP</sub> **que** [<sub>FocoP</sub> **ante<sub>i</sub> se acabaria** ] [<sub>FinP</sub> t<sub>i</sub> t<sub>cl+v</sub> [<sub>CIP</sub> t<sub>cl</sub> [<sub>IP</sub> o dia t<sub>v</sub> [ [t<sub>i</sub> que] eu leixasse de contar o que... ]]]]] (DSG-XIV)
- c. ...dizer [<sub>ForceP</sub> **que** [<sub>FocoP</sub> **mais<sub>i</sub> teendes** ] [<sub>FinP</sub> t<sub>i</sub> t<sub>v</sub> ] [<sub>IP</sub> pro t<sub>v</sub> juntas [ t<sub>i</sub> de vinte mil dobras]]] (CDP-XV)
- d. debes a entender, Pedro, [<sub>ForceP</sub> **que** [<sub>FinP</sub> **alguus feitos<sub>i</sub>** contarei [<sub>IP</sub> eut<sub>v</sub> t<sub>i</sub> ....]]] (DSG-XIV)
- e. disse-lhis [<sub>ForceP</sub> **que** [<sub>FinP</sub> **taaes custumes<sub>i</sub>** aviam [<sub>IP</sub> eles t<sub>v</sub> t<sub>i</sub> que non poderian conviir con os seus ]]] (DSG-XIV)

### 3.1.2 Sentenças completivas com ênclise

Nas sentenças com ênclise, a posição de foco nunca é ativada e não há qualquer constituinte foneticamente realizado na posição de especificador de FinP. A forma verbal flexionada vai para o núcleo Fin, cujo especificador contém um operador nulo, que reflete sempre a propriedade de coesão do tema, evitando sua redundância ou repetição. Frame e Tópico podem ser preenchidos, sem alterar a posição do clítico.<sup>4</sup>

- |             |        |                  |        |      |     |    |
|-------------|--------|------------------|--------|------|-----|----|
| (23) ForceP | FrameP | TopicP           | FocusP | FinP | CIP | IP |
| que         | OP +V  | CL.....(ênclise) |        |      |     |    |

- (24) a. Ja ora podes entender, Pedro, [<sub>ForceP</sub> **que** [<sub>LD</sub> aquelas cousas que Deus ordiou e soube ante que o mundo fosse feito,] [<sub>FinP</sub> OP compriron [<sub>CIP/IP</sub> **se** t<sub>v</sub> pelas orações dos santos homens ]]] (DSG-XIV)
- b. Diz [<sub>ForceP</sub> **que** [<sub>LD</sub> todos aqueles que Jesu Cristo receberam e creeron que era filho de Deus, ] [<sub>FinP</sub> OP deu [<sub>CIP/IP</sub> **-lhis** el t<sub>v</sub> poderio ]]] (DSG-XIV)
- c. e parece [<sub>ForceP</sub> **que** [<sub>scene</sub> nembrando-lhes a criaçom que em elles fezera e como os queria mandar matar,] [<sub>FinP</sub> OP viinham [<sub>CIP/IP</sub> **-lhe** as lagrimas t<sub>v</sub> aos olhos per vezes]]] (CDP-XV)

### 3.1.3 Sentenças completivas com duplo-que

As construções com duplo-**que** resultam de uma estrutura como esboçada em (25).<sup>5</sup>

- (25) V<sub>matriz</sub>... [<sub>ForceP</sub> **que** [<sub>FinP</sub> [Frame / Topic ] **que** ] [<sub>CIP/IP</sub> CL .... V ... ]]]

4 Para uma análise mais ampla da ênclise nas sentenças subordinadas, cf. Ribeiro, 1993, 2009 e Lopes, 2010.

5 Para as construções em que mais de um constituinte aparece intercalado entre os dois **que**, é possível propor uma análise em que o primeiro é conectado em *Frame/Topic* e o segundo no especificador de FinP.

O primeiro **que** se realiza em Força, núcleo relacionado com o tipo de sentença; o segundo **que** é um constituinte de Fin. Neste tipo de estrutura, um tópico é inserido no especificador de Fin; como tópicos não são V-relacionados, o verbo não se move para o núcleo de Fin. A estratégia de último recurso resulta na inserção de **que** no núcleo Fin, pois, neste período da língua, Fin requeria realização morfofonológica. Completivas com duplo-**que** já foram apresentadas nos exemplos acima; retomo quatro deles abaixo, de *Os Diálogos de São Gregório*:

- (26) a. E pero non he pera creer – diz San Gregorio – **que** [o bõõ logar a que o ja levaron] **que** o perdesse  
 b. mandou-lhi dizer **que** [el] **que** o ia ver  
 c. e o abade San Bento dizendo o contrairo **que** [Deus] **que** o fezera por el  
 d. rogo-te **que** [se te nembras d’alguus] **que** mh’os digas

Este tipo de construção mostra a competição entre movimento do verbo para Fin e inserção de **que** em Fin. Tal competição pode estar na origem da perda da propriedade V2 do PA.

#### 4 Duplo-*que* em outras línguas românicas

A possibilidade de completivas com duplo-**que** parece ser uma característica do romance medieval, pois é atestada em outras línguas românicas, como apontado por Wanner (1998), de onde o exemplo abaixo foi retirado, de uma completiva com duplo-**que** no francês antigo:

- (27) Sire, je te adjure par le vray Dieu **que ta fille Tarsienne, que** tu ne la donnes a mariage a autre que a moy (*Apollonius de Tyr* f48b)  
 (Senhor, eu te peço pelo verdadeiro Deus **que** tua filha Tarsiana **que** não a dêes em casamento a outro que não a mim)

Embora tenha desaparecido da norma escrita das línguas românicas, a partir do século XVI, segundo Wanner (1998), completiva com duplo-**que** ainda é bastante frequente na língua falada, ao menos em espanhol moderno (DEMONTE; SORIANO, 2007), dialetos modernos do italiano (PAOLI, 2004), no português brasileiro (RIBEIRO, 2009; RIBEIRO; TORRES MORAIS, 2009) e no português europeu (MASCARENHAS, 2007). Os dados a seguir são exemplos ilustrativos, citados pelos autores acima:

- (28) a. Dijo **que** [a ese tío] **que** no podía ni verlo. (esp. mod.)  
 b. Me dijo **que** [ese paquete] **que** no sabia quién lo había traído.

- (29) a. A Teeja a credda **che** a Maria **ch'a** parta. (da Ligúria)  
 A Teresa SCL acredita **que** a Maria **que** SCL parta.  
 b. Gioanin a spera **che** Ghitin **ch'** as nã vada. (de Turim)  
 João SCL espera **que** Margarida **que** SCL+REFL parta / se vá.
- (30) a. Acho **que** este livro **que** a Ana não gostou dele. (PE)  
 b. Disseram-me **que** ao João **que** o professor (lhe) deu um dezoito.  
 c. Acho **que** se lhe ligasses **que** tudo se resolveria.
- (31) a. Acho **que** este livro **que** a Ana não gostou dele. (PB)  
 b. Disseram-me **que** ao/pro João **que** o professor (lhe) deu dez.  
 c. Acho **que** se você telefonasse pra ele **que** tudo se resolveria.

Os dados de duplo-**que** do PA podem ser gramaticais no PB contemporâneo, com as devidas adaptações lexicais e morfológicas, como ilustram os exemplos a seguir, cunhados com base nos dados do PA apresentados acima:

- (32) a. E por isso não devemos acreditar **que** [o bom lugar a que o levaron] **que** ele o perdesse.  
 b. Mandou-lhi dizer **que** [ele] (é) **que** o ia ver.  
 c. Você acha **que** [aquele homem tão santo, de quem você me contou tantas maravilhas e virtudes] **que** ele deixou alguém que continuasse seu trabalho de fazer virtudes?  
 d. Pedimos **que** [estas jóias que ela deixou] **que** você mande entregá-las aos filhos.  
 e. Defendemos firmemente **que** [de hoje em diante] **que** ninguém deixe de pagar os impostos da limpeza pública.  
 f. Peço **que** [se você se lembra de algum caso] **que** você me conte.  
 g. O capitão mandou que os navios pequenos se aproximassem da terra e **que** [se achasse um porto seguro para os navios] **que** amainassem (colhessem as velas).

Além dos dados de fala, Ribeiro (2009) e Ribeiro e Torres Morais (2009) apresentam dados de atas escritas por afro-descendentes, no século XIX, em que as completivas com duplo-**que** se fazem presentes:

- (33) a. disse a o prizidente **que** quando hovesse um trabalho como este **que** mandasse lhe chamar (Gregório - Seção do dia 17 de Agosto de 1862)  
 b. o dispôs o Prezidente disse **que** o sunsuro que ocorese **que** elle não tinha curpa (Gregório - Sessão do dia 5 de Outubro de 1862)

c. (disse) **que** elle *para* não trastonar **que** não queria fallar (Gregório - Sessão do dia 26 de *Outubro* de 1862)

Estes dados revelam que a periferia à esquerda da sentença, como delineada em (13), é uma propriedade universal, sempre disponível para as línguas. A mudança que se observa entre o português antigo e o português moderno resulta somente das diferentes formas de realização do núcleo Fin (e também de Foco). No PA, um sistema V2, o verbo flexionado se move para Fin/Foco, para realizar morfologicamente seus traços gramaticais; a estratégia de inserção de **que** em Fin é marginal, acontecendo somente quando um tópico ocupa a posição de especificador de Fin. No PB contemporâneo, que não é mais um sistema V2, os traços gramaticais de Fin são satisfeitos por inserção do morfema **que** (como também acontece nas construções com foco, tipo *João (é) que fez isto*). A ausência de completivas com duplo-**que** na escrita resulta de uma terceira estratégia disponível para as línguas, a de realização do morfema **que** nulo, como nos seguintes exemplos, paráfrases dos exemplos em (33):

- (34) a. Ele disse ao presidente **que**, quando houvesse um trabalho como este  $\emptyset$ , mandasse chamá-lo.  
b. Depois, o presidente disse **que**, o sussurro que ocorresse  $\emptyset$ , ele não teria culpa sobre isto.  
c. Ele disse **que**, para não transtornar a reunião  $\emptyset$ , ele não queria falar sobre o assunto.

## Conclusão

- a) as construções com duplo-**que** estão presentes nas línguas românicas, em diferentes períodos de sua história;
- b) a estrutura complexa da periferia à esquerda, proposta por Rizzi (1997) e Benincà e Poletto (2004), permite entender as possibilidades de organização dos constituintes no PA, como também a possibilidade de completivas sem/com duplo-**que**;
- c) no português arcaico, as sentenças completivas podem apresentar qualquer uma das ordenações abaixo, a depender da sua organização discursivo-informacional:
- 1) **que (XP) Foco V S** – quando ocorre um constituinte focalizado, seja foco informacional, seja foco identificacional (contrastivo ou não); XP é opcionalmente realizado por constituintes discursivamente marcados, servindo de ancoragem discursiva: tópicos pendentes de sujeito ou de objeto, advérbios circunstanciais. Cf. exemplos em (22a-c).



- 2) **que (XP) Tema V S** – constituintes tematizados, que permitem manter uma coesão discursiva, podem ocupar a posição que antecede o verbo, Spec/FinP; quase sempre são objetos ou sujeitos dêiticos. Geralmente indicam continuidade do tema, coesão textual. Como ocorre para a generalização em (1), a realização de XP é opcional. Cf. exemplos em (22d-e).
- 3) **que (XP) OP V S** – o operador nulo é um tipo de conector discursivo nulo; se realiza sempre que o tema discursivo se mantém entre duas sentenças, ou em um parágrafo, uma forma de evitar redundância. Assim, mantém uma forte coesão discursiva. XP é opcional. Cf. exemplos em (24).
- 4) **que XP que SVO** – esta é a construção com duplo-**que**; só se realiza quando não há focos nem constituintes tematizados na construção. Neste caso, os constituintes XPs se realizam em Spec/FinP. Cf. exemplos de (1-3)-(16-20).
- d) no PB contemporâneo, estão excluídas três dessas possibilidades, pois não há movimento do verbo para Fin/Foco, como nas generalizações de (1) a (3). Restam assim: (i) a possibilidade em (4), mas podendo ser realizada com focos ou tópicos como XP (cf. exemplos em (31-32)); (ii) a em (5) abaixo:
- 5) **que XP  $\emptyset$  SVO** – que também é uma construção com duplo-**que**, sem realização fonológica do **que**. Cf. exemplos em (34).<sup>6</sup>

Assim, assumimos, seguindo Cinque (1999) e Benincà (2004), que nenhuma variação é permitida pela Gramática Universal no que diz respeito ao número e aos tipos de projeções funcionais, bem como sua ordem relativa nas línguas naturais; determinar a provável hierarquia dos constituintes que ocupam as posições de especificador e de núcleo das categorias funcionais é uma questão de investigação empírica e de desenvolvimento da teoria/compreensão da estrutura do fenômeno em estudo; a variação entre as línguas se restringe aos diferentes valores dos traços dos núcleos funcionais.

## Referências

- ADAMS, M. (1987). *Old French, null subjects, and verb second phenomena*. PhD Dissertation. University of California.
- ADAMS, M. (1988). Les effets du verb second en ancien et en moyen français. In: HIRSCHBÜHLER, P.; ROCHETTE, A. (Ed.) *Revue québécoise de linguistique théorique et appliquée*, n. 7, p. 13-40.
- BENINCÀ, P.; POLETTO, C. (2004). Topic, focus and V2: defining the CP sublayers. In: RIZZI, L. (Ed.) *The structure of CP and IP* (The Cartography of Syntactic Structures, vol. 2). Oxford: Oxford University Press. p. 52-75.
- BENINCÀ, Paola (2004). *The left periphery of Medieval Romance*. Disponível em: [www.humnet.unipi.it/slifo/2004vol2 /Beninca2004.pdf](http://www.humnet.unipi.it/slifo/2004vol2/Beninca2004.pdf)

<sup>6</sup> Evidentemente, para as duas fases do português (PA e PB contemporâneo), sempre houve a possibilidade de completivas sem ativar a periferia à esquerda, ou seja, sem tópicos, focos ou tematizações deslocados à esquerda.

- CINQUE, G. (1999). *Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press.
- DEMONTE, V.; SORIANO, O. F. (2007). Force and finiteness in the Spanish complementizer system. *Probus*.
- den BESTEN, Hans (1983). On the interaction of root transformations and lexical deletive rules. In: ABRAHAM, W. *On the formal syntax of the Westgermania*. Amsterdam: John Benjamins.
- den BESTEN, Hans; MOED-VAN WALRAVEN, Corretje (1986). The syntax of verbs in Yiddish. In: HAIDER, Hubert; PRINZHORN, Martin (Org.). *Verb second phenomena in Germanic languages*. Dordrecht: Foris. p. 111-135.
- FERNANDEZ-RUBIERA, F. (2009) *Clitics at the edge: clitic placement in Western Iberian romance languages*. PhD Dissertation. Georgetown University.
- HAIDER, H.; PRINZHORN, M. (Ed.) (1986). *Verb second phenomena in Germanic languages*. Dordrecht: Foris.
- KOSTER, J. (1975). Dutch as an SOV language. *Linguistic analysis*, n. 1, p. 111-36.
- LEDGEWAY, A. (2008). Satisfying V2 in early Romance: Merge vs. Move. *Journal of linguistics*, n. 44, p. 437-470. United Kingdom: Cambridge University Press.
- LOPES, A. L. A. (2010). *A ênclise em orações dependentes na história do Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- MARTINS, A. M. (1994). *Clíticos na história do português*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- MASCARENHAS, S. (2007). *Complementizer doubling in European Portuguese*. Homepages.nyu.edu.
- MATTOS E SILVA, R. V. (1989). *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN-CM.
- PAOLI, S. (2004). The 'double CHE constructions': a comparative perspective. *Current Studies in Comparative Romance Linguistics*, Universiteit Antwerpen.
- PLATZACK, C. (1986b). The position of the finite verb in Swedish. In: HAIDER, H; PRINZHORN, M. (Ed.) *Verb second phenomena in Germanic languages*. Dordrecht: Foris.
- RIBEIRO, I.; TORRES MORAIS, M. A. (2009). Doubling-*que* embedded constructions in Old Portuguese: a diachronic perspective. *The XI Diachronic Generative Syntax Conference*. Universidade de Campinas, Brasil, julho, 22-24, 2009.
- RIBEIRO, I. (1995a). *A sintaxe do português arcaico: o efeito V2*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- RIBEIRO, I. (1995b). Evidence for a V2 phase in Old Portuguese. In: BATTYE, Adrian; ROBERTS, Ian. (Ed.). *Clause structure and language change*. New York: Oxford. p. 110- 139.
- RIBEIRO, I. (1993). Um estudo da ênclise nas estruturas completivas do português arcaico. *ABRALIN*, n. 14, p. 369-380.
- RIBEIRO, I. (2009). Sobre os usos de ênclise nas estruturas subordinadas no português arcaico. *VI Congresso Internacional da ABRALIN*. 04 a 07/03/09 - João Pessoa.
- RIZZI, L. (1997). The fine structure of the left periphery. In HAEGEMAN, L. (Ed.) *Elements of grammar*. Dordrecht: Kluwer. p. 281-337.

- ROBERTS, I. (2004). The C-System in Brythonic Celtic languages, V2, and the EPP. In: RIZZI, L. (Ed.) *The structure of CP and IP* (The Cartography of Syntactic Structures, vol. 2). Oxford: Oxford University Press. p. 297-328.
- ROBERTS, I. (1992a). *Verbs and diachronic syntax*. Dordrecht: Kluwer.
- TOMASELLI, A. (1990). COMP as licensing head: an argument based on cliticization. In: MASCARÓ, J.; NESPOR, M. (Ed.). *Grammar in progress*. GLOW Essays for Henk van Riemsdijk. Dordrecht: Foris. p. 433-445.
- URIAGEREKA, Juan (1995). A F position in Western Romance. In: KISS, K. É. (Org.). *Discourse configurational language*. Oxford: Oxford University Press. p. 153-175.
- VANCE, B. S (1989). *Null subjects and syntactic change in Medieval French*. PhD Dissertation. University of Cornell.
- VANCE, B. S. (1988). L'évolution de pro-drop en français médiéval. In: HIRSCHBÜHLER, P.; ROCHETTE, A. (Ed.) *Revue québécoise de linguistique théorique et appliquée*, n. 7.
- VIKNER, S. (1991). *Verb movement and the licensing of NP-positions in the germanic languages*. PhD Dissertation. Universität Struttgart.
- WANNER, D. (1998). Les subordonnées à double complémentateur en roman médiéval. In: RUFFINO, G. (Ed.). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica* (Comunicazioni di lavori della Sezione I), p. 1.421-433. Tübingen: Niemeyer.